

Museus indígenas, memória e autorrepresentação: o acervo do Museu Eyêê Kafuba e a construção de uma agenda de pesquisa Karão Jaguaribaras do Ceará¹

Rhuan Carlos dos Santos Lopes (UFPA, Brasil)

Gleidison *Karão Jaguaribaras* (Francisco Gleidison Cordeiro lima) (UFPA, Brasil)

Merremii *Karão Jaguaribaras* (Maria Natália Assis Gomes) (Museu Eyêê Kafuba, Brasil)

Resumo: Este trabalho analisa a constituição histórica e política do Museu Eyêê Kafuba, organizado pelo povo Karão Jaguaribaras, localizado nas divisas dos municípios de Aratuba e Canindé, no estado do Ceará, com foco na caracterização de seu acervo etnográfico e arqueológico. Argumenta-se que a formação desse acervo não responde apenas a critérios técnicos ou classificatórios externos, mas incorpora narrativas próprias sobre processos históricos, territorialidades e experiências de resistência indígena, tensionando debates consolidados no campo da Arqueologia, da Antropologia e da Museologia. Inserido no contexto das mobilizações indígenas pelo reconhecimento de direitos culturais e territoriais e pelo fortalecimento da identidade coletiva, o museu configura-se como um espaço de memória ativa, resistência e autorrepresentação, no qual objetos, vestígios arqueológicos e registros etnográficos articulam diferentes temporalidades. A partir da descrição das atividades institucionais do museu e das narrativas produzidas pelo próprio povo sobre esse espaço, o trabalho discute o papel dos museus indígenas na construção de agendas de pesquisa próprias, protagonizadas por pesquisadores e intelectuais indígenas. Nesse sentido, o Museu Eyêê Kafuba é compreendido como equipamento que redefine as condições de produção do conhecimento, questiona modelos hegemônicos de formação de coleções etnográficas e arqueológicas e amplia as possibilidades de diálogo intercultural no âmbito acadêmico.

Palavras-chave: Etnologia Indígena no Nordeste; Museus Indígenas; Karão Jaguaribaras.

INTRODUÇÃO

Analizamos neste trabalho a trajetória do Museu *Eyêê Kafuba*, uma dos espaços da memória do povo Karão Jaguaribaras, no interior do Ceará, nas divisas dos municípios de Aratuba e Canindé. Longe de ser um espaço estático, o museu emerge como um palco de

¹ Trabalho apresentado na 35ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2026).

lutas por reconhecimento, onde a museologia social se encontra com processos contínuos de afirmação identitária. O museu narra a existência indígena no Maciço de Baturité, conferindo visibilidade histórica a uma região marcada por complexos processos de mobilização e conquistas territoriais. O termo *Eyêê Kafuba* — “casa da memória” na língua materna — traduz a essência deste espaço: um repositório das lutas passadas e presentes pelo território. O museu atua como um elo entre a natureza e a ancestralidade, bem como de tempos históricos e cosmológicos, documentando a cultura Karão Jaguaribaras para além do viés museográfico tradicional, priorizando a intercâmbio de saberes. Somado a isso, ao museu foi associado o Laboratório de Línguas *Ybutritê*, expandindo suas fronteiras para a salvaguarda do idioma nativo, reafirmando-se como um equipamento cultural dinâmico, essencial para o registro e a difusão da ciência indígena.

Assim, examinaremos o papel deste museu na manutenção da memória coletiva dos Karão Jaguaribaras, compreendendo-a como um componente ativo da organização social. Através do estudo de seus acervos e das interações entre suas práticas de formação de coleção, discutimos a instrumentalização do museu para a preservação cultural e a continuidade de saberes. A pesquisa prioriza a perspectiva indígena sobre a tríade memória-identidade-cultura, tomando o equipamento cultural como objeto de análise e articulando-o ao conceito de memória coletiva no contexto geográfico e simbólico do Kalembe.

ARTICULANDO SABERES ENTORNO DAS PRÁTICAS MUSEAIS INDÍGENAS

O conjunto de pesquisas que permitiu a produção deste texto tem articulado os debates sobre Antropologia, Arqueologia e povos indígenas, assim como sobre os museus indígenas (Karão Jaguaribaras; Lopes, 2024; Karão Jaguaribaras; Karão Jaguaribaras; Lopes, 2025; Karão Jaguaribaras; Lopes; Franco, 2026). Nesse sentido, incorpora-se o entendimento da Arqueologia como história indígena de longa duração (Corrêa 2013). Por outro lado, do ponto de vista do contexto social, as demandas dos povos indígenas no Brasil têm corroborado a necessidade do compromisso ético e político dos arqueólogos na compreensão dos processos históricos nos quais esses povos estão inseridos (Oliveira 2016, F. Silva 2002, Pugliese Júnior e Valle 2015).

No âmbito teórico da etnologia indígena no Nordeste, desde a década de 1980, as mobilizações indígenas provocaram renovação dos modelos explicativos, com pesquisas destacando os processos de territorialização e reconfiguração étnica (Luciano 2006, Pacheco de Oliveira 1998). Para o Ceará, em específico, essa inflexão teórica permitiu questionar a

ausência indígena no estado, supostamente provocada pela sua diluição desses povos na sociedade nacional (I. P. Silva 2005). No Maciço de Baturité, a presença indígena é referida em documentos escritos (I. P. Silva 2005). Contudo, a ocupação humana remonta a períodos anteriores (Castro, et al. 2015, Freitas, et al. 2015).

Acerca dos museus indígenas, entende-se que os mesmos dizem respeito ao enfrentamento às narrativas essencializadoras sobre os povos originários, a afirmação de identidades e a construção de autorrepresentações (Pacheco de Oliveira e Santos 2019). O protagonismo desses povos na elaboração de instituições museais tem tomado destaque, incorporando narrativas próprias sobre processos históricos dos diferentes grupos étnicos e provocando problematizações em diferentes campos disciplinares e nas condições de formação de coleções (Gomes 2016, Santos 2016). Dessa forma, tais instituições museais articulam as categorias patrimônio e memória, como ativadoras do debate e das ações acima apresentadas (Abreu, 2007), além de que a memória possui dimensão coletiva que, ao ser narrada a partir das experiências pessoais dos sujeitos, estrutura-se sobre as percepções dos seus pares (Halbwachs, 2006). Logo, memória tem o poder de resgatar diferentes temporalidades acumuladas no espaço, reforçando sua capacidade de vincular experiências individuais e coletivas em um contínuo temporal e espacial (Pesavento, 2005). Ao lado disso, patrimônio é aqui entendido como uma categoria, uma ferramenta analítica. Pensamos o patrimônio junto aos povos indígenas e seus museus em uma perspectiva polissêmica, em tempos e sociedades diversas. O patrimônio, além disso, é um fato social total, no sentido de possuir diferentes dimensões, práticas e instituições sociais aparentemente distintas, mas representativas do grupo social, considerando que essas dimensões não são independentes (Gonçalves, 2009).

A Casa de Memória *Eyêe Kafuba* do povo *Karão Jaguaribaras* se insere no debate acima, tendo em vista seu perfil e contexto de formação. A experiência museológica do povo, contudo, é anterior à atual instituição. Há registros nas narrativas do povo de um espaço de memória denominado *Kaw(f)uba* (casa) do *Py* (Tio) Zé Moura, localizado na Serra de Baturité, e onde um colecionador organizava objetos de relevância e sagrados para os *Karão Jaguaribaras*. Na década de 1970, contudo, esse local foi incendiado por não-indígenas (Karão Jaguaribaras e Lopes 2024). Este é um dos locais nos quais identificamos um sítio arqueológico. Ao longo dos anos, os integrantes do povo mantiveram os hábitos de colecionar objetos significativos à sua própria história, variando entre peças de diferentes características tecnológicas. Destaca-se, inclusive, as obras em pintura realizadas pelo povo,

inscritas nas paredes e em telas, que circulam para além da aldeia (M. Karão Jaguaribaras 2023).

MUSEU-TERRITÓRIO E O ETERNO LEMBRAR

O território indígena Karão Jaguaribaras é chamado de *Kalembre*. Nele, segue-se um conjunto de leis éticas e cosmológicas criadas pelos ancestrais e ainda hoje seguido pelo povo, constituindo uma filosofia de vida coletiva. A palavra se constitui da seguinte maneira: o termo *Ka* tem o significado espiritual, em complemento ao *Ki* que refere-se ao material (corpo e suas utilizações), e associado ao *Lembre*, uma referência ao eterno lembrar, aquilo que não se pode esquecer. O termo *Kalembre* também pode ser interpretado como: o meu sentimento por vocês, a representação do coletivo, no sentido de uma gigantesca família que convive com as plantas e animais, com planetas, como também corpos e espíritos, é tudo o que está dentro do contexto de vida e, além dela, das energias cósmicas. Dessa forma, é sagrado para o povo e, por isso, o território é considerado patrimônio e a extensão do museu. O *Kalembre*, portanto, alcança todo o atual território do Maciço de Baturité e as áreas da depressão sertaneja do entorno. É nesse espaço físico que se localiza a aldeia Feijão, local do Museu aqui debatido, e as diferentes casas de membros do povo situadas nos atuais municípios dessa região. É dentro desse espaço que o grupo indígena aponta seus locais de memória e articula suas atualizações.

Na concepção Karão Jaguaribaras, a memória é entendida como um elemento central para a preservação da cultura e da identidade coletiva. Ela não se restringe ao passado distante ou recordações de fatos históricos. A memória é uma entidade viva e presente, entrelaçando-se com o cotidiano e com a existência de cada indivíduo do *Kalembre*. Mais do que um simples processo psicológico que permite guardar experiências, como sentimentos, imagens, ideias ou até mesmo acontecimentos. Na *Eyêê Kafuba*, ela é uma força vital que guia práticas, valores e é referência materializada em formato de acervos (Karão Jaguaribaras; Karão Jaguaribaras; Lopes, 2025).

Nesse contexto, o conceito de matéria da memória se destaca, pois os acervos expostos no espaço deixam de ser apenas objetos físicos, mas representações das vivências, tradições e valores de forma atemporal, expressados em matéria, mantendo vivo as leis internas do *Kalembre*. É também registro de fatos importantes, daquilo que não se deve esquecer. Cada peça carrega consigo histórias que conectam as pessoas que vêm visitar o

espaço com as trajetórias vividas por nossa etnia em tempos distintos, transformando a memória em algo palpável e acessível, algo que pode ser compartilhado.

Eyêê Kafuba traduz-se na língua materna do povo como “casa da memória”. Os objetos ali contidos, desde utensílios do cotidiano até itens cerimoniais, atuam como veículos que transportam visitantes para o universo cultural da memória Karão Jaguaribaras. Em síntese, a relação dos artefatos e a memória é um processo dinâmico e multifacetado. A mobilidade e a sistematização da memória por meio desses objetos traduzem a forma como nos organizamos, convivemos e nos comportamos diante das mudanças impostas pelo tempo. No *Kalembre*, a memória não está presente apenas em acervos, monumentos, arquiteturas ou em locais físicos feitos por mãos humanas. Ela reside em diferentes corpos, práticas e nos rituais cotidianos. Ao mesmo tempo, o conceito de memória não se refere apenas às características humanas. As paisagens, constelações, rios, árvores, solo, animais e territórios, todos são lugares e seres que concentram memórias vivas, deixando histórias e conhecimentos que ultrapassam os limites da materialidade.

Aqui a memória é vista como uma entidade sagrada que participa diretamente da existência do povo. Ela não é apenas um reflexo do que foi, mas uma força ativa que molda o presente e o futuro. Os ‘troncos velhos’, que são os anciãos guardiões da memória, são respeitados como depositários desse patrimônio imaterial. Por meio deles, a memória é compartilhada por meio de histórias orais, cerimônias, ensinamentos práticos e materiais físicos, como artesanatos, obras de arte, cestarias e outros saberes. Essa transmissão não é estática, mas adaptativa, o que permite fazermos atualizações de nosso repertório cultural na medida que novas experiências são vividas, sem perder de vista os fundamentos da tradição.

O MUSEU E SUAS COLEÇÕES

A arquitetura da casa de memória incorpora os elementos construtivos do povo, com estrutura de madeira revestida de palha; com expositores feitos de estaleiros rústicos de varas com algumas mesas chamadas de *girál* nos quais se colocava de forma bem ordenada as peças. Como dito anteriormente, esse equipamento cultural tradicional foi atacado por moradores não-indígenas e incendiado, provocando a perda de grande parte do seu acervo. Após isso, o hábito de montar coleções que possuem o registro da história e das atividades cotidianas que caracterizam a vida do povo não foi encerrado. Como forma de resistência, o espaço de memória foi reconfigurado, localizando-se em vários cômodos das casas dos *Karão Jaguaribaras* até o ano de 2023. Devido à alta relevância de algumas peças para a

cultura do povo, a necessidade de um espaço que as mantenha protegidas sempre apareceu como um relevante demanda.

Peças que remontam a momentos ritualísticos, como flautas e outros instrumentos musicais, vestes sagradas, bebidas; objetos de líticos, louças, material cerâmico, cachimbos, sementes, adereços tradicionais; material zoológico e elementos das práticas de cuidado à saúde do povo; além de artefatos que remontam a eventos históricos relevantes, como a machadinha de pedra utilizada no ato de assinatura de acordo de paz no período colonial, são exemplos desse acervo em constante transformação.



Figura 1: Objetos das coleções do povo *Karão Jaguaribaras* guardados em suas residências. Fotos: Rhuan Carlos Lopes, 2023.

Assim, após 53 anos, houve a organização de um prédio específico para reunir o acervo e as atividades a ele associadas, ampliando o acesso do público a outros grupos étnicos. Atualmente, o Museu encontra-se certificado pelo Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM) como Ponto de Memória e, recentemente, passou por uma reforma, apoiada pela Secretaria de Cultura do Estado do Ceará (SECULT-CE), através do edital “Edital Ceará da Cidadania e Diversidade Cultural - Museus Comunitários: memória e patrimônio”. Com o

apoio da Cultural Survival, através do Fundo *Keepers of the Earth* Guardiões da Terra, foi construído mais cômodos, incluindo o recém criado Laboratório de Línguas.



Figura 2: Museu *Eyêê Kafuba*: Casa da Memória. Foto: Gleidison Karão Jaguaribaras, 2024.



Figura 3: reinauguração do novo espaço do Museu *Eyêê Kafuba*: Casa da Memória. Merremii Karão Jaguaribaras, 2024.

CONCLUSÃO

Conforme debatemos acima, o Museu *Eyêê Kafuba* do povo *Karão Jaguaribaras* possui longa trajetória histórica. A sua existência informa sobre o conjunto de ações do povo para construção constante da memória, como aquilo que é vivo, que se manifesta em cada aspecto da vida cotidiana. Nesse sentido, o museu é uma, entre tantas formas de manifestação da entidade sagrada que é a memória. Ela está presente, como vimos, no território, nos seres que o conectam, nos sítios arqueológicos e no patrimônio cultural. O repertório da coleção

museológica, que tem sua formação ligada ao colecionismo de diferentes membros do povo, sugere o alcance da presença constante dessa entidade. Afinal, ela se constitui diretamente da existência do povo. Não é apenas aquilo foi ou passou, mas uma força ativa que molda o presente e o futuro.

AGRADECIMENTOS

Este texto foi produzido a partir da experiência na reforma e restauro de espaços para instalação do Museu e do Laboratório de Línguas subsidiados através do “Edital Ceará da Cidadania e Diversidade Cultural - Museus Comunitários: memória e patrimônio” (edição de 2022), da Secretaria da Cultura do Estado do Ceará (SECULT); e pelo apoio da CULTURAL SURVIVAL, através do Fundo *Keepers of the Earth* Guardiões da Terra. Além disso, parte dos dados foram gerados na execução de dois projetos de pesquisa realizados junto à Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab) e financiados com recursos da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Ceará (FUNCAP), através do Edital PROPPG/UNILAB nº 03/2020; e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), via Edital PROPPG/UNILAB nº 02/2022. O segundo autor do texto é bolsista CAPES de doutorado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, R. Quando o campo é o patrimônio: notas sobre a participação de antropólogos nas questões do patrimônio. **Sociedade e Cultura**, [s. l.], v. 8, n. 2, 2007. Disponível em: <http://www.revistas.ufg.br/index.php/fchf/article/view/1010>. Acesso em: 28 out. 2024.
- CASTRO, Viviane Maria C. de, Claudia Alves de Oliveira, Sérgio Francisco S. M. da Silva, e Igor Pedroza. 2015. “Práticas funerárias dos grupos ceramistas pré-históricos do sítio Serra do Evaristo I, município de Baturité, Ceará.” *Mneme, Revista de Humanidades* 16: 201-227.
- CORRÊA, Angelo A. 2013. “Longue durée: história indígena e arqueologia.” *Ciência e Cultura* 65 (2): 26-29.
- FREITAS, Aline G. de, José S. C. García, Santiago F. Jiménez, Igor Pedroza, Caroline F. Caromano, Leandro M. Cascón, Gina F. Bianchini, Sergio F. S. M. da Silva, Neuvania Curty Ghetti, e Claudia A. de Oliveira. 2015. “Manejo y cultivo de plantas en sierras húmedas del NE de Brasil ca. 670-530 BP: evidencias palinológicas del yacimiento Evaristo I.” *SAGVNTVM (P.L.A.V.)* 47: 203 - 231.
- GOMES, Alexandre Oliveira. 2016. “Por uma antropologia dos museus indígenas: experiências museológicas e reflexões etnográficas.” Em *Museus indígenas: saberes e*

ética, novos paradigmas em debate, por Marília Xavier Cury, 133-155. São Paulo: Secretaria de Cultura/ACA.

GONÇALVES, José Reis S. O patrimônio como categoria de pensamento. In: ABREU, R.; CHAGAS, M. (org.). *Memória e Patrimônio: ensaios contemporâneos*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009. p. 25–33.

HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo: Centauro, 2006.

KARÃO JAGUARIBARAS, M.; KARÃO JAGUARIBARAS, G.; LOPES, R. C. dos S. Museu Eyêê Kafuba: Casa da Memória do povo Karão Jaguaribaras. *Anais do Museu Histórico Nacional*, v. 59, p. 1–24, 2025.

KARÃO JAGUARIBARAS, Gleidison; LOPES, Rhuan Carlos dos Santos. “Ybutrytê: corpo, sangue e memória dos Karão Jaguaribaras no Ceará.” Em *História indígena e do indigenismo no Brasil: enfrentando o colonialismo, propondo caminhos decoloniais*, por Paula Faustino Sampaio e Thiago Leandro Vieira Cavalcante, 45-73. Teresina: Cancioneiro, 2024

KARÃO JAGUARIBARAS, Merremii.; LOPES, Rhuan Carlos dos Santos.; FRANCO, Roberto Kennedy G. Artivismos entre o povo Karão Jaguaribaras: arte, saberes tradicionais e resistência cultural a partir do Ceará. *Espaço Ameríndio*, v. 19, p. 9–34, 2026.

KARÃO JAGUARIBARAS, Merremi. *Arte indígena: uma abordagem das expressões dos grafismos e pinturas do povo Karão Jaguaribaras no Ceará*. Acarape: Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação), Bacharelado em Sociologia, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, 2023

LUCIANO, Gersem. *O Índio Brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; LACED/Museu Nacional, 2006.

OLIVEIRA, Jorge Eremites de. “Etnoarqueologia, colonialismo, patrimônio arqueológico cemitérios Kaiowá no estado de Mato Grosso do Sul, Brasil.” *Revista de Arqueologia*, 136-160, 2016

PACHECO DE OLIVEIRA, João.. “Uma etnologia dos “índios misturados”? Situação colonial, territorialização e fluxos culturais.” *Mana* 4 (1): 47-77, 1998.

PACHECO DE OLIVEIRA, João; SANTOS, Rita de Cássia Melo. “Introdução.” Em *De acervos coloniais aos museus indígenas: formas de protagonismo e de construção da ilusão museal*, por João Pacheco de Oliveira e Rita, Rita de Cássia Melo Santos, 7-25. João Pessoa: Editora UFPB, 2019.

PESAVENTO, S. Cidade, Espaço e Tempo: reflexões sobre a memória e o patrimônio Urbano. *Cadernos do LEPAARQ (UFPEL)*, p. 9–18, 2005.

PUGLIESE JÚNIOR, F. A, e R. B. Valle. “A gestão do patrimônio arqueológico em territórios indígenas: a resistência Munduruku e a preservação do patrimônio cultural frente ao licenciamento ambiental de empreendimentos em territórios tradicionalmente ocupados.” *Revista de Arqueologia*, p. 30-51, 2015.

SANTOS, Suzenilson da Silva. “Os Kanindé no Ceará: o museu indígena como uma experiência em museologia social.” Em *Museus e indígenas: saberes e ética, novos paradigmas em debate*, por Marília Xavier Cury, 156-160. São Paulo: Secretaria da Cultura : ACAM Portinari : Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, 2016.

SILVA, Fabíola. “Mito e Arqueologia: a interpretação dos Asurini do Xingu sobre os vestígios arqueológicos encontrados no Parque Indígena Kuatimu-Pará.” *Horizontes Antropológicos*, p. 175-187, 2002.

SILVA, Isabele Peixoto. *Vilas de índios no Ceará Grande: dinâmicas locais sob o Diretório Pombalino*. Campinas: Pontes Editores, 2005.